

ILUSTRAÇÃO



NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

14.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Novo Dicionário redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

« O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tècnicamente, o mais perfeito.»

« Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heròicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE

ROCHA PEIXOTO

COMEMOROU-SE este ano o 1.º centenário do nascimento de António Augusto Rocha Peixoto, que veio a este mundo «às onze horas da manhã» do dia 18 de Maio de 1866, conforme consta da sua certidão de baptismo, inserta no Arquivo do Registo Civil da Póvoa de Varzim, livro de 1866, fol. 55, n.º 161.

O facto, aliás muito honroso para a Póvoa de Varzim, terra de lídimos pescadores e berço de filhos ilustres, veio valorizar a galeria de operosos trabalhadores que, pelos tempos fora, têm procurado ampliar o campo da cultura nacional.

O caso de Rocha Peixoto é deveras notável nos domínios das ciências etnográficas e arqueológicas, onde ele revelaria o pendor do seu espírito para os problemas da investigação metódica e científica em terreno que até então se encontrava por desbravar, embora outros operosos investigadores já aí tivessem trabalhado com resultados surpreendentes, a exemplo de Adolfo Coelho, Alberto Sampaio, Martins Sarmento, Santos Rocha, J. Leite de Vasconcelos, Virgílio Correia, etc.

Rocha Peixoto gozou uma vida bastante curta, pois veio a falecer em princípios de Maio de 1909. Tinha 43 anos apenas quando deixou este mundo.

Aos 21 anos fundou, com outros companheiros, a Sociedade Carlos Ribeiro, um dos corifeus da arqueologia nacional. Em 1890, com Ricardo Severo Venceslan de Lima, funda também a importante *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, que durou até 1898 e da qual saíram cinco volumes.

Depois vem a revista *Portugália*, sob a direcção de Ricardo Severo, e de que Rocha Peixoto se tornou o obreiro mais activo, vindo a terminar em 1908, poucos meses antes do seu falecimento.

Esta publicação, de que se editaram dois volumosos tomos, foi criada em moldes diferentes dos que até então haviam sido adoptados para a divulgação dos resultados obtidos nos domínios da etnografia e da arqueologia, matérias que eram apresentadas de modo erudito, só acessíveis aos especialistas.

A *Portugália*, que se propunha tornar-se num «arquivo nacional de materiais para o estudo do povo português», e assim tomava para divisa a de D. João II: «*Pala grey*», prometia apresentar ao público estudioso «monografias de inquérito a toda uma colectividade desde as suas origens, considerando o indivíduo, as raças, os povos, na sua natureza íntima e modos de ser, usanças, civilizações, histórias, etc.»

Com efeito, cumpriu com o que prometeu no seu *Prospecto* de apresentação da revista, chamando a colaborar nomes ilustres que se haviam assinalado em matérias tão vastas e tão espinhosas como são a etnografia e a arqueologia, aliás irmãs que caminham de mãos dadas. Essa plêiade de investigadores deu à nova publicação um prestígio e um alto nível cultural que poucas até então haviam alcançado. Citemos alguns: Alberto Sampaio, Albano Bellino, António Augusto Gonçalves, Adolfo Coelho, Fonseca Cardoso, que publicou no 2.º tomo um estimável trabalho sobre «O Poveiro. Estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim».

Foram estes investigadores que, em conjunto com outros, formaram a geração que ficou conhecida pelos «homens da *Portugália*».

Grupo de colaboradores que ocuparam lugares de relevo nos domínios da cultura portuguesa, alimentando idéias ideais de beleza e com o objectivo de difundir quanto aprendiam nas suas investigações efectuadas nos mais variados campos da cultura.

Ao folhearmos a *Portugália* na procura dos trabalhos saídos da pena de Rocha Peixoto iremos encontrar aí fecundos «materiais para o estudo do povo português» já anunciados no «*Prospecto*» a que nos referimos atrás, tais como: «Os palheiros do litoral» (Setembro de 1898); «As olarias de Prado» (Outubro de 1899); «Iluminação popular» (Agosto de 1902); «Tabulae votivae» (Maio de 1905); «O Traje serrano» (Agosto de 1906); «As filigranas» (Janeiro de 1908), etc. Todo o labor de um investigador probo e de um trabalhador infatigável que, aliás, se fatigou bastante para que a sua saúde não lhe perdoasse. A doença que o prostrou é das que exigem repouso e ares sadias. Ele não lhe deu os cuidados necessários. Não sabia parar e foi até ao fim.

Além de dispersar a sua actividade por revistas e jornais, onde deixou muitas das suas lucubrações, sobretudo em *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, exerceu o professorado como naturalista-adjunto do Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Politécnica do Porto, e na Escola Industrial do Infante D. Henrique, naquela cidade.

Por morte do dr. Eduardo Allen, foi chamado para dirigir a Biblioteca Municipal do Porto, o velho ensaísta de São Lázaro, onde ele procedeu a uma notável obra de adaptação e de melhoramentos, quer no próprio edifício quer no fundo bibliográfico da Biblioteca, enriquecendo-o com a aquisição de obras mais representativas do escol dos modernos livros de História, de Literatura e de outros, lavrados nos vários ramos da actividade do espírito.

Com efeito, e devido à sua pertinaz insistência, deram entrada naquela casa de obras raras, manuscritos e cartas geográficas, constituindo hoje um fundo deveras valioso que muito dignifica a biblioteca portuense e o seu organizador.

Não obstante esta simultânea actividade, ainda lhe foi confiado o Museu Municipal, lugar que exerceu na qualidade de conservador interino. Prestou relevantes serviços nos dois cargos, pondo arrumação onde tudo se encontrava desarrumado, e tal foi a sua acção em benefício destas duas casas de cultura, que mereceu largos elogios de personalidades eminentes da época como Sampaio Bruno, Manuel Monteiro, Pedro Vitorino, etc.

J. Leite de Vasconcelos, o sábio eminente, não viu com bons olhos a nascença da nova revista *Portugália*. Considerava o seu *Arqueólogo* como publicação mestra e única no género. Não admitia que neófitos lhe fizessem sombra. Por isso encontraremos disseminadas pelas vastas páginas daquela seu arquivo verdadeiras bicadas na *Portugália* e nos seus laboriosos colaboradores.

Os homens eminentes também se encontram gafados, como toda a gente, de paixões e de defeitos. A vaidade é comum a todos e o despeito encontra-se em todos os corifeus. Embora a modestia seja muito apregoada, sempre fora pouco utilizada.

Todavia, justo é recordar que J. Leite de Vasconcelos, no 1.º vol., a págs. 277, da sua

notável obra *Etnografia Portuguesa*, regista a morte daquele investigador com meia duzia de palavras simples e talvez sinceras, chamando-lhe «malogrado etnógrafo... malogrado porque faleceu na força da vida e da actividade produtora».

Esta animosidade de J. Leite de Vasconcelos para com Rocha Peixoto parece ter nascido de uma crítica feita pelo último aos *Ensaios Etnográficos* publicados pelo sábio arqueólogo. Por se tratar de um assunto que reputamos ser de grande interesse, vamos transcrever os comentários feitos por Rocha Peixoto na secção bibliográfica, do tomo 2.º, a págs. 135 e 136 da *Portugália*, onde procura desfazer uma lenda tecida em redor dos pescadores poveiros, lenda essa que J. Leite de Vasconcelos tomou como verdadeira.

Vejamos, pois, o que diz Rocha Peixoto nos seus comentários aos *Ensaios Etnográficos* de J. Leite de Vasconcelos:

«É muito acertado este título. Efectivamente, o autor acredita algumas das suas primícias folclóricas e inicia um esboço histórico acerca das tradições populares portuguesas. Os artigos agora reproduzidos, e primitivamente insertos em jornais e revistas, têm sobretudo interesse para se avaliar a distância que vai do plúmbeo bisonho servido ainda por um saber muito escasso até ao operoso investigador que é hoje o sr. Leite de Vasconcelos. Se a forma e o relevo literários — que aliás o sr. José Leite desdenha — não se modificaram sensivelmente, quanto ganhou em bagagem o emérito redactor da *Revista Lusitana*, o autor de tantos e tão copiosos subsídios dialectológicos, o coletor insaciado e insaciável do Museu Etnológico de Lisboa!

«Uma inexactidão, porém, que grata seria ver expungida de uma obra subscrita por quem tanto rigor exige aos outros, é a que diz respeito aos pescadores poveiros — que quebram as vidraças das capelas quando os santos não «fazem» o que se lhes pede. Realmente, esta anedota caluniosa e pejorativa corre vulgarmente no Porto e, em geral, no Norte do País, à mistura com outros dislates de equiparável solécia. O ilustre homem de saber adoptou incautamente, sem exame e sem verificação, uma pilhéria que se gestou entre outras de semelhante exação e espírito a propósito de uma classe interessante tanto pela sua heroicidade como pelo seu estreito fanatismo. A verdade, contudo, é que nunca se verificou tal costume na Póvoa de Varzim nem memória há entre os velhos, de um só caso isolado que chegasse até nós. Talvez por a ouvir muito repetida o infatigável homem de ciência lhe deu foros de autêntica...»

A origem de tal anedota estaria talvez na notícia do *Almanach de lembranças* para 1857, dirigido por Alexandre Magno de Castilho, pg. 145 e subscrito por *Providências* (Santo Tirso).

Dizia assim:

«S. José Apedrejado. Na Póvoa de Varzim, comarca de Vila do Conde, quando o mar se encapela de repente e pilha em si os pescadores, as mulheres destes vão, in-continente, à capela de S. José e começam a atirar pedras à porta, dizendo em altas vozes: — *Acorda S. José!* Se o mar não amaina, então vão ter com o capelão, e o obrigam a vir com o santo para a praia, e aí principiam a dar com arca no pobre santo, repetindo: — *Acorda S. José...* etc.»

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.ª EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual da Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 75\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

